

Aeon

# Capítulo 1: Escola de Magia

Após caçar o alimento com seu terrível bico negro, a ave repousa sobre uma janela de uma pequena casa de madeira na Rua Longsbride, a criatura observa atentamente todos os seres que andam e rastejam, seres que poderiam ser presas fáceis – seres estes, claro, as formigas e minhocas; o vaidoso Bem-te-vi é espantado por um ruído de despertador que soava de dentro da janela; uma mão um tanto dormiente caminha pela cômoda de madeira em busca do relógio e o desliga:

— Hmmm... – Resmungava um menino com uma cara tão sonolenta que espiava o quarto pela brecha no olhar.

O relógio indicava (6:00 A.M), a hora que ele sempre acorda para se arrumar e ir à escola; com passos de um “zumbi” – não sóbrio; ele se dirige ao banheiro e após lavar bem o rosto, se observa no espelho; um rosto fino e a pele branca, uma altura que seria significativa se não fosse pela sua magreza, o cabelo liso e escuro que entregavam sua origem asiática, porém, com um olhar ocidental devido a miscigenação dos pais.

São quase seis e dez da manhã e ele odeia chegar atrasado, se apressando ao pegar sua bolsa, o garoto enfim se retira da casa e seu olhar logo se prende a um fast-food que fica do outro lado da rua, diretamente à frente de sua casa; um outdoor com um símbolo de uma galinha e abaixo escrito “Chicken's Pot”; A barriga dá um ronco e ele se sente como um automóvel impossível de se mover por falta de combustível:

— Não acredito que eu tenho que andar tanto pra comer – Disse para si mesmo olhando tediosamente para o céu após atravessar uma única rua e adentrar ao fast-food; um copo parecido com aqueles de pipoca de cinema, mas ao invés de pipoca continha asas e coxinhas de frango; foi o que ele pediu acompanhado de um copo de Coca-Cola; mas antes de sair do recinto, sua atenção se prendeu a uma pequena bancada com jornais, e todos ali eram iguais com a manchete: “Idosa afirma ter casa explodida por pessoas mágicas”

Data : (23/05/2010)

Com a atenção presa, o olhar se deslizou para ler logo sobre o que se tratava a notícia:

*“A casa de uma idosa entrou em combustão instantaneamente após invasão de desconhecidos que empunhavam varinhas em mãos, a seguir seu depoimento: ‘Eu estava sentada assistindo desenhos animados; então dois jovens de vestes exótica quase derrubaram a porta da minha sala, eles não pareciam bandidos ou alguma coisa assim, eles só diziam para mim se retirar da casa imediatamente que eles estariam me salvando de uma coisa da qual não entendi bem a pronúncia, então eu assustada me retirei o quanto antes e ao chegar no gramado, a casa gritou como se tivesse vida e em seguida entrou em chamas, sem qualquer explicação’, a senhora está ilesa e agora procura um seguro pra casos sobrenaturais. ”*

O menino termina de ler a notícia e após dar um gole no copo, levanta suas sobancelhas como um dessentido e debochado leitor:

— Espero que ela consiga...

Algo lhe soava como verdade na história daquela idosa, mas ele não se considera muito um "menino de fé" e logo observa pela vitrine um carteiro jogando uma caixa em seu quintal; ele se apressou curioso retirando-se da lanchonete e se lembra de que a qualquer instante o ônibus podia passar pelo ponto que também ficava em frente à sua casa; ao chegar no jardim, o garoto rasga o embrulho como uma criança abrindo seus presentes no natal, e para sua surpresa, ele encontra um pequeno baú um tanto quanto velho e sinistro, tinha algumas runas empregada em suas laterais e ele procurava atenciosamente pela fechadura ou alguma chave que talvez tenha se perdido na grama junto da embalagem, mas o baú não havia fechadura, apenas um símbolo de uma águia com as asas abertas que de primeira vista parecera um botão; relutante se devia ou não abrir o baú, o garoto se lembra das notícias de ontem na TV sobre atentados terrorista nos Estados Unidos. — Quem ia querer me matar!? – Disse com sarcasmo para si mesmo, passando o dedo sobre o símbolo e logo se ouve um estralo como engrenagem de fechaduras se abrindo.

Um talismã de pescoço, uma carta estranha e fotos, de primeira vista o garoto pega o talismã com o mesmo símbolo do baú e o admira como se fosse uma joia sem valor, e então sua atenção se vira para as fotos que vinha por último no fundo do "baúzinho", ele pega qualquer uma e ao ver se sente como se uma ponta de gelo estivesse atravessado seu coração; uma foto tirada em 1996, era ele bebê nos braços de sua mãe acompanhada de um homem. O garoto entra em transe e levando a mão a boca, expressa uma face pensativa; perguntas assombravam sua mente, "quem iria querer contatar um pobre órfão?", como poderia alguém ter aquelas fotos, ele reconhecia a mãe pois já vira em outras fotos de família; então logo percebe que as outras fotos são todas de seus pais; depois de alguns segundos ele se toca da própria burrice e tudo ali soa como uma ficha caindo em uma máquina de diversões, desesperadamente pega a carta com a mão trêmula; o título brilhava como figurinhas adesiva: "Aeon".

O que seria Aeon? Nunca conhecera um parente que se chamasse "Aeon"; apressadamente ele abre a carta e os olhos atentamente ao texto:

*"Sr Okami*

*"É com orgulho que eu veio por meio desta carta te convidar a se juntar a essa família de magos chamada 'Aeon'.*

*"Essa escola existe a séculos e a cada dia me surpreendo com alunos novos e talentosos.*

*"Sei que o nome de sua família se tornou um tabu no mundo da magia, mas eu posso sentir que você é o garoto certo para reverter essa história para o bem.*

*"Quando sentir em seu coração o momento certo para se aprofundar no desconhecido, coloque este colar no pescoço e empunhe o talismã em mãos, e pronuncie: 'A-E-ON'*

*"Ass: Theodore."*

Os olhos quase saltara de suas orbitas, a sua atenção se agravou na parte em que fala sobre a família dele ser um tabu; então ele ouve um ronco de ônibus e logo se lembra da escola; desesperadamente, o garoto joga tudo dentro do baú e começa a procurar a chave da casa mas a demora seria tarde demais, o ônibus já estava na próxima esquina indo em direção ao ponto; então ele pega o baú e atira pela janela da casa estraçalhando o vidro:

— Depois eu volto, fique ai – Murmurou o garoto preocupado em não perder o ônibus, pois além de ser o único método eficiente de chegar a escola, ele também precisava recuperar notas.

Após apanhar o ônibus que o gritará como um louco para esperar, Okami chega ao colégio; um edifício que mais se parecia com um presídio devido aos seus altos muros e uma arquitetura industrial, porém, um intenso movimento de alunos ao redor e uma placa "*Americanary School*" ao lado do seu gigantesco portão de ferro.

O garoto se esquivava entre a multidão de alunos, procurando incansavelmente o seu melhor amigo, mas como não o encontra no pátio, resolveu subir as escadas e esperar na sala de aula; todos os dias ele colocava o fone de ouvidos para ignorar a barulhenta conversa dos seus colegas de sala, mas dessa vez não foi necessário, sua mente se prendia e viajava na ideia de que aquele estranho baú pudesse ser verdade.

Pouco a pouco as cadeiras começam a ser preenchida e sua ansiedade aumenta, até que finalmente o seu melhor amigo entra na sala e é surpreendido por Okami – que estava quase em cima da porta:



— Que demora! ... Achei que não viria – Exclamou com os olhos brilhando de esperança.

Um garoto da mesma altura, nariz fino e um olhar alegre, uma testa que quase demonstrava calvície prematura e a pele marrom como um bombom; este era Diggle – ou melhor "Dig". Os dois rapidamente se sentaram como de costume, um na frente e o outro logo atrás, claro, para facilitar as conversas indesejadas pelos professores; Dig se virou de costas como se tivesse algo urgente a dizer a seu amigo; porém é surpreendido pelo mesmo desejo:

— Preciso te contar uma coisa! – Disseram os dois ao mesmo tempo e após, firmaram as sobrelanceiras como se estivessem em um filme e aquilo fosse mais um diálogo do script;

— Ok, diga você primeiro – Pediu Diggle; — Um carteiro deixou um baú com uma carta, fotos de minha família e um talismã... mas a maior loucura está na carta, ela diz que estou sendo convidado a participar de uma escola de magia! – Desabafou Okami com um olhar amedrontado pela ideia de que possa ser tachado de louco; porém, a reação de Diggle foi inversa, o garoto não demonstrou surpresa alguma;

— Eu recebi essa carta também, cara – Falou Diggle desconfiando de que seu amigo lhe pregara uma peça.

A conversa então é interrompida pelo professor de História que adentra a sala e acalma a baderna apenas com sua indesejável presença; mas logo Diggle encontra uma brecha na atenção do professor e se vira de costas para interpelar Okami:

— Isso é obra sua ne! — Claro, te enviei uma carta pedindo para segurar uma bugiganga velha e pronunciar "A-E-ON" – Cogitou ironicamente como se tal situação fosse possível; — O que vamos fazer? como descobrir quem está por trás disso!? – Questionou Diggle, dessa vez, levando o assunto a sério.

— Talvez devêssemos tentar o treco da pronúncia – Sugeriu Okami; então os dois por um momento se olharam fixamente segurando uma gargalhada com um sorriso de uma orelha a outra.

Perderam duas aulas dando gargalhadas e imaginando como seria um mundo com a magia, seres místicos e coisas que só via em livros e filmes; ao encerrar das aulas, Okami retornou ao seu mortuário lar que agora, espelhava a felicidade acerca de valorosas lembranças por causa de um estranho baú.

Um ruído trovejante desperta Okami como um felino brutalmente assustado; ofegante, o garoto se senta na cama e observa ao redor, mas o que ele vê não é o seu quarto, porém, totalmente familiar com uma janela oval arqueada e a vista tão escura que parecia encarar o universo; rapidamente Okami empunha uma varinha que estava jogada na cômoda ao lado da cama; se retirando do quarto, ele se encontra em um corredor atormentado pelos pisares de jovens que andavam desesperadamente para um lado e para o outro; Okami procurava alguém e como não encontrara, decide perguntar a qualquer um sobre o que está acontecendo:

— A Escola está sendo invadida, parece que são os Algozes! — Respondeu em pânico um gordinho que também empunhava uma varinha; Após, a visão de Okami começa a escurecer e seu auditivo é reduzido lentamente até não se ouvir um sussurro sequer; o silêncio é destruído por um horripilante assopro e ele se encontra em uma sala com alguns quadros de pessoas desconhecidas, uma imensa mesa de mármore e uma poltrona digna de Rei ocupada por um corpo imóvel, aparentemente morto

sua atenção é absorvida por uma voz frígida que vinha da janela detrás da poltrona:

— Não serviu para ser morto... a vergonha de Thanatos –  
Caçou friamente um homem de características semelhantes a de Okami, mas um rosto mais magro, sem vida e um olhar abismal; o sinistro se destacava entre outros já visto por usar um manto negro detalhado por tiras de couro e correntes de aço reforçando o traje, e um capaz que refletia a morte. Após as palavras que inflamaram na cabeça do garoto, o algoz salta de costas e desaparece na neblina da noite.

Pancadas do coração em seu peito, acorda subitamente o garoto que acabava de ter um pesadelo, ele olha ao redor e sente um alívio de estar na própria casa, mesmo que sozinho, jamais teria visto cenas perturbadoras assim; quatro e meia da noite marcava seu relógio, o garoto preenchido de um sono profundo, decide tentar a sorte e dormir novamente.

Diggle chega em casa e é surpreendido pelo afeto dos pais que o abraçam como se nunca mais fossem se ver, sua mãe, uma senhora gentil e pontual que na maioria das vezes estava preenchida pelo humor, chora aos ombros do filho que assustado, apenas retribui o gesto;

— Sabíamos que esse dia ia chegar, né Joseph – Choramingou a mãe como se escondesse algo do filho;

— Não estou entendendo, alguém morreu? – Questionou Diggle tão confuso que passou a rejeitar o abraço da mãe; — O meu deus, claro que não Diggle, ela está se referindo a carta que você recebeu – Esclareceu seu pai inconformado e cansado da novela que a esposa criara;

— É tudo verdade.

O garoto sentiu uma amostra grátis de um infarto fulminante; ele não sabia se desconfiava de como os pais encontraram a carta escondida na última gaveta do seu armário ou se os próprios pais fossem magos durante todo esse tempo; diferente da vida de seu melhor amigo Okami, ele cresceu em um bairro rico de Florence no Alabama e sempre teve os pais presente, e isso só agravou sua reação como um garoto mimado;

— Você precisa ir urgentemente ou irá ter complicações com os guardas – Sorriu Joseph, lembrando da época em que era um calouro na escola de magia. — Já volto, fique com sua mãe.

O garoto que agora resolvera abraçar a mãe novamente, observa o pai subir as escadas e ir ao quarto do casal; ligeiramente, ele voltou com uma sacolinha que ao balançar fragmentava a curiosidade do garoto, era simplesmente perceptível que havia moedas ali dentro;

— Vai me dar dinheiro? – Indagou o menino, desconfiando de que não fosse algo tão comum;

— Absolutamente errado, estas são moedas do mundo da magia, não vale nada aqui fora...mas lá dentro valerá muito! –

Respondeu o pai com uma face refletindo o orgulho e a felicidade. — Aqui tem 10 pratas e 1 ouro, não é muita coisa, mas você tem que conquistar sua própria fortuna!

A mãe do garoto interrompeu o sermão do marido e se indignou com a miséria:

— Ohh meu deus, Joseph, como você consegue ser tão pão duro!?! – Olhava para Joseph com uma careta ameaçadora e então o pai resolveu colocar mais 2 moedas de ouro.

Então, após algumas dicas paterna sobre o mundo da magia, Diggle se sente preparado para conhecer uma nova vida e com o colar no pescoço, o garoto empunha o talismã e pronuncia as palavras mágicas:

— A-E-ON!

Como mágica, toda sua essência materializada se torna espiritual e é sugada como um redemoinho para dentro do talismã, e após alguns milissegundos, este implode e desaparece naquela sala.

Gotas da chuva rastejam sobre as telhas da casa, seguido de barulhentos trovões; hoje o relógio não despertará – pois claro, é sábado; Okami faz uma análise visual em sua volta, queria o garoto certificar-se de que estava em sua abandonada casa; dessa vez, com passos de um andarilho sagaz – sóbrio, o garoto entra no banheiro e encara o espelho como uma fonte de pensamentos; suas memórias atacam o seu consciente, ele sente uma típica sensação de que já vera aquele rosto em algum lugar, o algoz de seus sonhos era familiar até demais; logo se desprende da hipnose pensativa e se lembra da escolha que fizera antes de dormir; Okami coloca o baú em cima da cama e novamente relê a carta com uma atenção final, logo após, ele decide tentar o que a um dia atrás era "o treco da pronúncia":

— A-E-ON – Disse o menino sem ânimo e com sua típica cara de tédio; porém, nada aconteceu e agora ele teve certeza de que fora feito de idiota.

— Como eu consigo ser tão burro.... – Resmungou olhando para o chão e após o ato, firmou suas sobrelhas desconfiando de algo; olhou para um lado e pro outro, firmou o talismã em seu punho e dessa vez, exclamou de um modo convicto:



— A-E-ON!

Toda matéria que compõe o ser humano e aquilo que o mesmo carrega, se tornou uma energia azul como o céu do dia e após, foi absorvida para dentro do talismã. Sua visão se abre lentamente e ele ouve dezenas de crianças falando; Okami se encontra em um gigantesco salão medieval que de primeira vista, parecia a recepção de uma locomotiva. Sua atenção se prende a uma grande estátua de um velho de nariz pontiagudo segurando um cajado com um crânio na extremidade, abaixo a legenda:

"Baldur - Herói da Grande Guerra".

Crianças comuns, como ele, faziam enorme fila para aparentemente se cadastrar no que seria uma escola de magia; Okami olha para os lados perdido como cego em tiroteio e logo se lembra dos filmes de Harry Potter; ele abre um sorriso de canto a canto como se soubesse plenamente o que estaria fazendo ali e então se aproxima do último da fila:

— E então, finalmente eles nos convocaram, já era hora... –

Disse com um sorriso de canto como se fosse um veterano; —  
Eles? Eles quem? – Perguntou o menino, curioso para descobrir quem estaria por trás disso tudo;

— Eles, oras... — Respondeu Okami entre a cruz e a espada, sabia tanto quanto qualquer um. — O Diretor... e sua equipe — agora sim, ele se sentiu um completo idiota.

O garoto confirmou com um "Ah...", insatisfeito pela vaga resposta; Okami resolve ficar quieto e esperar a sua vez chegar — já que não deu certo se passar por "sabichão". Finalmente sua vez, uma idosa de aparência doce e um óculos que assemelhava a um fundo de pote de requeijão, ela ficava detrás de uma janela, protegida por grades que brilhavam como estrelas;

— Próximo...Qual seu nome? — Questionou a idosa de voz sonolenta e irritante de tão arranhada; mal olhara para frente, afundada com a cara em documentos e papeladas; — É... Okami — Gaguejou o garoto muito nervoso, acrescentou — Okami Thanatuzu.

A senhora rapidamente levanta a cabeça como se tivesse a obrigação de encarar os olhos de Okami:

— Thanatuzu... Hmm — Retomando a atenção a papelada e começa a escrever — Número 175

— Oi!?! — Respondeu o garoto confuso como se não tivesse entendido direito;

— Quarto 175, saindo pela aquela entrada ali – Esclareceu e indicou com o polegar a saída do salão. — Pergunte aos guardas onde fica a Torre Dormitório... Próximo!

Okami mais confuso ainda, decide sair da fila já que quase foi expulso; o garoto lê brevemente o papel ou ticket que recebeu da senhora e caminha até a saída que pareceria ser projetada para gigantes devido a sua imensa arqueação; "Não entendo, porque eu tenho que dormi numa torre? Até aqui as pessoas me odeiam; resmungava para si mesmo".

Passando pelo portal ele se vê de frente com uma metrópole medieval; era tudo muito bizarro para ser compreendido, a rua era pavimentada por pedra, as construções de rochas e alguns edifícios digno de Roma; tinha alunos por todos os cantos, alguns aparentemente testando suas varinhas e outros provando umas vestimentas que parecia "cosplay" de eventos anime; embora tudo isso teatralizava um cenário de magia medieval, ironicamente as crianças ouviam músicas no "foninho" do celular e os guardas usavam armas de fogo e farda parecida com a da SWAT; "Legal... quem precisa de espada quando se tem uma metralhadora!?" – zombou em pensamento, balançando os ombros.

Ele caminha sem rumo entre a multidão, queria explorar cada canto daquela cidade misteriosa, cada beco com pessoas exóticas oferecendo produtos encantados, cada loja vendendo coisas nunca vista no Alabama e cada edifício que parecia político pela movimentação constante de homens de terno e rondas da guarda. Okami já cansado da caminhada, decide parar em algum lugar para perguntar sobre como proceder; então ele olha a sua direita e lê uma placa no alto que continha varinhas e poções como ícone de comércio:

*"Varinhas & Poções do Edward"*

Ele adentra a loja e sua expectativa é superada por imensas fileiras de poções colorida e um alto balcão com um pequeno homem de barba cumprida e olhos claros que parecia um duende mal humorado; ficava mexendo as sobrelhas como se um inseto o incomodasse ou uma simples síndrome desconhecida:

— Calouro, eu suponho... – Diz uma voz saliente, o pequeno homem analisando dos pés à cabeça o garoto sem rumo;

— Então... Aqui vende as varinhas pra fazer magia? – Perguntou se sentindo tolo pela pergunta óbvia; — Exatamente... pra que mais uma varinha serviria... – Respondeu com um sorriso de canto e um olhar de maldade; mas logo percebe que o garoto inocente não entendera o trocadilho, concluiu — São duas pratas, a simples, feitas com garras de lobisomem.

— Uooool!! – Arregalou os olhos, muito surpreso. — Tipo aqueles do Van Hellsing? Eles existem? ...

— Suponho que sim... Van quem? – Indagou o "duende mal humorado" já entediado por ter que ficar sanando dúvidas de novatos. — Duas pratas, tem ou não?

O garoto retira duas moedas de cinquenta centavos do bolso e oferece ao barbudo:

— Duas pratas!?!... – Diz incerto de que seja este o valor cobrado.

O homem se inclina sobre a mesa e observa as duas moedas e logo zomba do garoto:

— Um dolar? – Deu gargalhadas debochando do menino. — Isso não tem valor algum em Aeon, moedas de comuns! ... Vá ao banco e verifique se tem algo em seu nome – Apontou com o dedo para a saída.

Okami cabisbaixo, recolhe as moedas e se retira da loja olhando para os lados em busca de qualquer dica ou atalho que possa-o levar ao tal banco de Aeon; em uma esquina movimentada, ele observa um guarda militar dando instruções a uma garota e então sua autoestima se regenera; Após se aproximar do guarda e pedir uma informação, Okami finalmente chega ao colossal edifício; com pilares pigmentado por pedras preciosas e uma multidão sem igual; o garoto segue sua intuição e se aproxima de uma balconista:

— Bem ... eer ... eu gostaria de saber quanto tem na minha conta – Pediu com gentileza e dúvida de que estaria ou não no lugar certo.

— Nome por favor – Solicitou a balconista digitando em um computador.

— Okami Thanatuzu

Mas dessa vez seu nome não causara o impacto que causou na idosa, a balconista digitou os dados e informou Okami de que havia uma fortuna no histórico da família mas foi subtraída por uma única pessoa e que essa era a última transação feita:

— Sobrou 6 Pratas, gostaria de retirar? — Claro... por favor – O garoto respondeu se sentindo o maior azarado do mundo.

Agora com sua pequena fortuna, Okami volta a loja de Edward e compra sua primeira varinha que não sabia nem ao menos acender uma luz com ela, até que sentiu o desejo de saber sobre as poções mágicas, mas logo ficará noite e o menino queria descobrir onde iria passar as noites; seguindo as placas e perguntando aos guardas como um turista, o menino chega na imensa e vasta torre que ia tão alto quanto um arranha-céu; a estrutura se baseava em escadas e portas e ia nesse ritmo até o incontável; crianças pra cima e pra baixo, a maioria já com amizades e outras pareciam até família; penetrando na multidão, Okami procura o andar próximo ao 170 e pensa como seria bom se seu melhor amigo estivesse ali.

Porta 175, o garoto pega a chave que recebeu da senhora e destranca rapidamente a porta com uma intensa necessidade de se livrar da multidão, e encontra de cara uma cama comum de madeira ao lado de uma janela arqueada, o cômodo continha apenas duas portas: uma pra saída e outra pro banheiro; mobiliada com armários para roupas e pertences; exatamente o quarto do qual viu em seu sonho; então ele ouve um "Toc-Toc" na porta a qual acabou de fechar; ao abrir a porta lentamente desconfiado de algo, o garoto é surpreendido por quem o chama:

— Não acredito! ... Eu vi você entrando aqui, tive que ter certeza de que era tu! – Exclamou Diggle surpreso;

— Ahh não, como isso é possível!?! – Duvidou da realidade, extremamente surpreso e feliz. – dessa vez ele foi sortudo.



Então Diggle adentrou o quarto e os dois passaram horas conversando sobre os filmes de magias e como aplicar eles a essa realidade; Diggle passou umas informações importantes como acordar às sete da manhã e ir a uma sala de aula, também contou sobre a descoberta de que seus pais era mágicos e por fim, Okami dormiu como um anjo transbordando felicidade e expectativas.

— A mana é como o espírito ou alma do qual fomos ensinados a acreditar desde pequenos; uma energia de infinitas possibilidades que corre em cada célula sanguínea; porém, uma energia manipulável pela consciência humana... alguns chamam isso de dom, um dom que é passado de pais para filhos, um dom que diferencia os magos dos comuns... – Discursava um professor que aparentava ter sessenta anos de idade, uma pele escura e um curto cabelo crespo de cor acinzentada; acalmava a sala com sua doce e pouco rouca voz; enquanto Okami, Diggle e o resto da sala se fixam nas palavras para não perder qualquer detalhe;

— Dê 1% da mana a um ser humano e ele será capaz de atirar pequenos feixes de luzes, inofensivos, mas extraordinário... Com 2%, podemos empurrar e atirar objetos sem peso relevante, como papéis por exemplo... Com 5%, começamos a sair do nível 'truque' e entramos na verdadeira telecinésia, poderíamos atirar e levantar objetos pesados, causar pressão aplicada entre outras coisas do tipo...

10% e já obtemos 'matéria programada'; onde teoricamente seríamos capazes de alterar cada partícula da mana e a apresentá-la como elementos da natureza e até usar esse elemento a seu favor; atirar jatos d'água, lançar bolas de fogo ; pequenas magias que podem ser mortais... E então com 20% já estamos mais do que acompanhados com a física quântica; podemos desaparecer – Da um estalo com o dedo polegar e se desintegra aparecendo a 2 metros ao lado, — E aparecer, como um tele transporte de curto alcance... E chegando aos 30%, podemos desenvolver a habilidade psíquica, como manipular outras mentes; também será possível manipular a própria mana, seja para criar poções ou pergaminhos de rituais... E passando dos 50%, as possibilidades são infinitas...

— Com licença, Professor! — Uma pequena garota de cabelos castanhos escuro e um par de “olhinhos” pouco fechado como duas fendas horizontais, levantou um dedo para o alto requisitando a atenção do professor — E se chegarmos a 70... 80, ou melhor 100%?

O professor fica perplexo e admirado com a pergunta da aluna; aparenta pensar a infinidade de poder que um ser poderia ter e então após um breve sorriso sem jeito, responde:

— Como eu disse as possibilidades são infinitas; mas... A 100%... Eu não faço a mínima ideia, nunca nenhum mago na história chegou a esse nível... talvez a energia evolua para outra, se torne um deus. – Tentou contrair a sala para não demonstrar sua falta de resposta a uma pergunta tão enigmática.

— Porque não começamos a praticar? – Olhou para sala sorteando alguém com uma varinha e logo pediu para vir até ele. Um garoto pouco obeso de Moicano Spike que de longe poderia ser reconhecido como o malvado da turma, se levanta todo confiante como se já soubesse manipular o artefato mágico;

— Preencha sua mente com a leveza de uma pena, mire nessa garrafa de água e pronuncie: Levitate! – Ordenou apontando para uma garrafinha em cima da mesa;

— Levitate! – A garrafinha flutuou como uma pipa e o garoto a debicava com o direcionar da varinha.

— Uauu... Nossa – A sala toda contemplava o desconhecido, nunca alunos estariam tão gratos por aprender em uma sala de aula.

— Isso não é nada, garanto que posso fazer melhor —  
Resmungou Okami para seu melhor amigo;

— Você! porque não venha tentar também? – Pediu o professor olhando para Okami que parecia um tomate de tanta vergonha;

— Eu...mas... – Okami olha para Diggle: — Ele deve ter orelhas mágicas também...

O menino se levantou com as pernas trêmulas, nunca se arrependeu tanto de usar um blefe; — Levitate! – Exclamou com confiança, afinal era uma simples magia de iniciantes; A varinha vibrou como uma barra de ferro eletrocutada, mas a garrafinha nem saiu do lugar;

— Talvez, devêssemos tentar novamente, se concentre Okami – Sugeriu o professor gentilmente e paciente; O menino tentou novamente e a magia foi um sucesso, a sala bateu palmas e o garoto quase se sufocou de tanta vergonha; furtivamente correu para a cadeira e sentou se escondendo dos olhares. O Professor prosseguiu a aula, explicando sobre os detalhes e regras da magia Levitate, como por exemplo: A carga máxima e a concentração para manter a canalização contínua; então mudou o assunto da água para o vinho e decidiu explicar sobre as pronúncias: — A magia está na mente e não em meras palavras; quando conjuramos uma magia elemental ou psíquica, a pronúncia serve como um auxílio da consciência... por esse fato, as magias aqui são escritas e pronunciadas em inglês, mas isso não vale para os russos ou alemães, a biblioteca deles estão escritas nas próprias línguas; existe milhões de magias espalhadas por cada biblioteca desse mundo... Como as magias são criadas, isso ficará para outra aula;

— Então um russo pronuncia Levitate em russo... e se não quisermos pronunciar a magia e mesmo assim tentar conjurar?

— Perguntou uma garota ruiva de bochechas corada;

— Provavelmente vocês iniciantes irão falhar, o poder da palavra recai até mesmo sobre a magia; porém, a maioria dos magos já avançados conseguem a conjuração sem pronúncia; e ela passa a se tornar apenas uma exibição artística e não auxílio de consciência – Esclareceu o professor e aproveitando a atenção da classe, completou — Essa alteração de línguas na pronúncia funciona apenas em magias... feitiços, invocações, maldições são quase que baseados em escritas e não podem ser alteradas, alguns em hebraico, outros em latim e por aí vai... O Professor da Magia começa organizar seus pertences em cima da mesa e os guarda numa maleta, demonstrando sua breve retirada e fim da aula:

— Me desculpem, meu nome é Tagger, sou Professor da Magia em Aeon; basicamente eu ensino os conceitos de magia e como aplicá-la... Já aprenderam uma magia hoje, temos um centro de treinamento aqui em Aeon, deviam visitar; até a próxima!

Os alunos então retiravam-se aos bandos e logo a sala ia se esvaziando; Diggle e Okami caminharam pelo vasto corredor cercado por portas de sala de aula, chegaram na saída e olharam para o caminho trilhado, "Legal, a escola é um corredor com sala de aulas e nada mais – Okami tirou sarro ao lado de Diggle"; agora eles tinham todo o tempo do mundo para ficar juntos conversando sobre diversas coisas; — Imagina que irado nos poder levantar uma casa!? – Sugeriu Okami todo bobo de felicidade, mas a imaginação é cortada pela realidade do Diggle:

— Claro que a magia só funciona pra coisas pequenas né, seu burro.

— É, mais seria legal – Sorriu o bobo imaginando milhões de artimanhas...



A dupla se aproxima do grande centro de treinamento, um vasto estádio com um engarrafamento de alunos entrando e saindo; a dupla repararam nos uniformes dos mais velhos que diferente dos iniciantes, não era um simples manto marrom escuro sem graça alguma; e sim seus próprios trajes exóticos que iam de colete de escamas de réptil até capas e túnicas com ilustrações mágica e alguns carregavam artefatos que se animavam como se tivesse um poder e propósito. Totalmente envolvidos pela dúvida, Okami sugeriu: — Esses devem ser os fodões... – Falava baixinho apenas para Diggle ouvir;

— Com certeza, a porcentagem tá lá em cima! – Refletiu perplexo pela vista que agora começava a contemplar:

Os mesmos mais velhos faziam magias como nos jogos e filmes, apontavam para o alvo de treinamento e ao sussurrar algumas palavras, a mana rapidamente se alastrava pela varinha e na extremidade, suas partículas eram transformadas em fogo e atiravam como bolas flamejantes; outros batalhavam entre si com magias psíquicas onde só se ouvia e não se via; como um ritmo de filme de ação, os dois acompanharam com o olhar, o treinamento de dois homens de vestes negras e cajados em punho, eles não faziam fogo ou magias invisíveis em momento algum, mas manipulavam nuvens sombrias e a atiravam como uma maldição vagante e assim atuavam um duelo mágico.

Nem sequer treinaram a magia recém aprendida, perderam horas admirando os mais velhos e imaginando o qual poderoso eles poderiam se tornar; com o pôr do sol, os dois foram para seus quartos ansiosos e obcecados pela aula que virá.